



senta sumariamente a obra em apreço, «the first general survey of music in Egypt».

*Luís Manuel de Araújo*

**ESTHER PONS MELLADO**, *Terracotas Egipcias de Época Greco-Romana del Museo del Oriente Bíblico del Monasterio de Montserrat*, Aula Orientalis – Supplementa, 9, Editorial AUSA, Sabadell, Barcelona, 1995, 115 p. + láminas e documentos (28 p.). ISBN 84-88810-10-5.

Entre as diversas áreas do interessante acervo egípcio do Museo do Oriente Bíblico do Mosteiro de Montserrat, perto de Barcelona, merecem destaque as terracotas da Época Greco-Romana, em número de 176, estudadas por Esther Pons Mellado e divulgadas na boa coleção Aula Orientalis dirigida por Gregorio del Olmo Lete.

Na Introdução (pp. 5-18) revela-se que as peças foram trazidas do Egipto por um membro da embaixada francesa no Cairo, André Bircher, em princípios do século XX. O lote de terracotas egípcias tardias foi adquirido pelo padre Bonaventura Ubach, monge do Mosteiro de Montserrat, juntamente com objectos antigos da Palestina, Chipre e Mesopotâmia, e materiais pré-históricos, os quais enriqueceram o acervo de antiguidades do Museu do Oriente Bíblico.

Das quase duzentas terracotas egípcias, apenas quatro foram publicadas no guia do Museu de l'Orient Biblic saído em 1977 (J. Laplana e R. Ribera, *Museu de Montserrat*), pelo que se impunha o desenvolvido estudo de Esther Pons que aqui apreciamos. O método adoptado para a enumeração das peças do acervo catalão inspirou-se no que foi utilizado por Perdrizet no estudo da coleção Fouquet (*Les terres cuites grecques d'Égypte de la Collection Fouquet*, Paris, 1921), pela seguinte ordem: Número de catálogo do presente trabalho; b) Número de lâmina; c) Número de catálogo do Museu; d) Número de catálogo de André Bircher; e) Medidas da peça; f) Cor da peça; g) Estado de conservação; h) Descrição; i) Bibliografia; j) Cronologia; k) Paralelos.

A Introdução detém-se ainda sobre as técnicas de fabrico das terracotas (com modelação manual, utilização de moldes ou torno de oleiro) e o fim a que se destinavam, sendo provável que o seu uso tivesse um carácter prático e quotidiano mais do que funerário, como o comprovaram as escavações nas zonas de Mênfis, Faium e Alexandria.

Atendendo ao tipo de molde utilizado podem ser considerados dois tipos de terracotas: as maciças e as ocas. As terracotas ocas necessitavam de dois moldes, estando em geral o molde que correspondia à parte da frente melhor trabalhado.

O catálogo divide-se em duas partes, apresentando-se primeiro os materiais de Mênfis e Alexandria, embora na Introdução se anunciem como terracotas de Alexandria e do Faium (pp. 19-99) e depois os materiais de Elefantina (pp. 101-102). Quanto aos objectos oriundos de Mênfis e Alexandria estão enumerados de 1 a 170 e incluem as figuras de deuses (Harpócrates, Osíris, Serápis, Bes, além de Sileno, Hércules e Dionísio), de deusas (Ísis e Atena), representações da maternidade (Ísis amamentando Hórus), de cultos agrários, animais (cinocéfalos, boi, vaca, camelo, cão/chacal, peixes, aves, répteis), ritos religiosos, espectáculos, toucados de mulher e terracotas várias (nomeadamente mulheres e crianças). Os materiais oriundos de Elefantina, de 171 a 177, representam partes do corpo humano, toucados de mulher e partes de uma figura zoomórfica.

As Conclusões (pp. 105-107) registam que a produção das terracotas abrange um período que vai do século II a. C. ao século II d. C. e mostram a preferência pelas representações de Harpócrates e Ísis, além de variados animais, sendo que de todas as peças foram feitas fotos (Apêndice documental). Harpócrates está representado com 21 peças, seguindo-se Ísis com 16 (incluindo a divindade sincrética Ísis-Afrodite, muito cultuada na Época Greco-romana). Entre os vários animais representados no acervo sobressai o cão ou chacal, com 4 exemplares, o camelo com 3, o cavalo com 2. Note-se que o camelo não é um animal típico da fauna do período faraónico, ele foi introduzido numa fase mais tardia, já na Época Greco-romana, e só com o domínio árabe se foi disseminando.

Segue-se a lista da bibliografia utilizada (pp. 109-113), na qual se nota a falta de uma obra fundamental para um tema destes e que poderia mesmo enriquecer a análise comparativa: Françoise Dunand, *Catalogue des terres cuites gréco-romaines d'Égypte*, Musée du Louvre, Paris, 1990. Uma futura edição colmatará certamente esta lacuna e até poderá utilizar o catálogo das *Antiguidades Egípcias* do nosso Museu Nacional de Arqueologia que tem um pequeno lote de terracotas da Época Greco-Romana.

Por fim, justo será salientar que a edição desta obra, muito útil sobretudo para os estudiosos do Egipto Greco-Romano, teve o apoio da

Societat Catalana de Egiptologia, que tem dado um significativo impulso às actividades egiptológicas em Espanha.

*Luís Manuel de Araújo*

**JOSÉ DAS CANDEIAS SALES**, *A Ideologia Real Acádica e Egípcia. Representações do poder político pré-clássico*, Nova História, 33, Editorial Estampa, Lisboa, 1997, 290 p. ISBN 972-33-1318-9.

Os cursos de mestrado na área de História Pré-Clássica começam agora a dar os seus frutos: preparam-se edições de algumas das teses apresentadas no âmbito do mestrado em História e Cultura Pré-Clássica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e José das Candeias Sales publicou recentemente a sua tese de mestrado em História das Civilizações Pré-Clássicas apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. O volume que agora apreciamos, com apelativa capa e limpa paginação, foi em boa hora produzido sob a chancela da Editorial Estampa numa acção que desde já se felicita: é que, não sendo hoje, felizmente, uma raridade no nosso país as edições de autores portugueses versando sobre temática pré-clássica, nem todas elas surgem com a seriedade, a fundamentação, o apuro e o rigor que esta patenteia.

Na Introdução (pp. 17-27) fica desde logo avisado o leitor que «não é na articulação comparativa (...) entre a situação vivida pelos semitas mesopotâmicos durante o período de domínio da dinastia de Akad e pelos egípcios durante praticamente toda a sua história que se deve procurar a unidade deste trabalho. Antes, ela é tentada no esforço de reflexão sobre as próprias componentes do poder político, independentemente do seu espaço geográfico de exercício» (p. 21). O trabalho subordina-se a «um critério de análise bipartido»:

I. A guerra e o poder político – onde o Autor focaliza a sua «atenção interpretativo-explicativa sobre o evento, sobre a instituição, sobre a função guerreira como elemento imprescindível da configuração e consolidação do poder político e da ideologia acádica»;

II. O rei e o poder político em Akad e no Egipto – com a reflexão centrada «no aparato propagandístico-ideológico de que a figura/instituição real se reveste com o intuito de se justificar e legitimar em Akad e no Egipto».